

A ANÁLISE DO DISCURSO EM ATÉ QUANDO DE GABRIEL O PENSADOR

Hielly Sales Dias

Graduanda em Licenciatura Plena em Letras Português
Universidade Estadual do Piauí – hiellysales@hotmail.com

Gilmara Meneses de Aguiar Araújo

Graduada em Pedagogia
Faculdade Entre Rios do Piauí – Gilmara.maju.com.br

RESUMO

O presente artigo consiste em um breve estudo sobre a teoria da Análise do Discurso que tem como foco analisar a música Até Quando? do cantor e escritor Gabriel O Pensador, onde temos como objetivo geral identificar de que modo ocorre a luta de classes que se apresenta na música. Temos também como objetivo analisar a maneira em que o autor tenta persuadir o interlocutor com seus argumentos, expressões e situações enfrentadas pela sociedade menos favorecida. Para a realização deste trabalho usamos a teoria de Charaudeau, Maingueneau, Mikhail Bakhtin. Por meio dos conceitos de Ethos, Pathos e Logos; Cena englobante, Cena Genérica e Cenografia; e Relação Dialógica, respectivamente.

Palavras- chave: Análise do Discurso. Ideologia. Sociedade.

1 INTRODUÇÃO

O discurso é uma criação linguística associada ao contexto social, em que um texto é desenvolvido. Assim, as ideologias presentes no discurso, são condicionadas pelo contexto sociopolítico em que vive o seu autor. Michel Foucault descreveu a Ordem do Discurso como uma construção de características sociais. Com isso podemos dizer que a produção de um discurso é um processo dialético, pois na medida em que outros discursos vão sendo projetados ao seu redor, a linguagem se torna um instrumento de interação e passa a ser construída e a construir demais discursos.

Assim sendo, a sociedade que promove o contexto do discurso analisado fornece a base de toda a estrutura do texto, entrelaçando, deste modo, todo e qualquer elemento que possa fazer parte do sentido do discurso.

Nesse processo de interação através de discursos, ideologias, que se presenciam por eles, podem ser identificadas e estudadas. Por fazer uso desses elementos, a análise do discurso acaba por inserir em sua linha de estudo conceitos de outras áreas de conhecimentos: Linguística, Filosofia e Psicanálise, e apresenta a teorias de seus representantes mais proeminentes.

O texto só pode assim ser chamado se o seu receptor for capaz de compreender o seu sentido, e isto cabe ao autor e à atenção que o mesmo der ao contexto da construção de seu

discurso. É a relação básica para a existência da comunicação verbal: emissão – recepção – compreensão.

Mais que uma análise textual, a análise do Discurso é uma análise contextual da estrutura discursiva em questão. Teremos como discurso para análise a música Até Quando? do cantor, compositor e escritor Gabriel O Pensador. Esta faz parte do seu 5º álbum intitulado de: Seja você mesmo (Mas não seja sempre o mesmo) que foi lançado em setembro de 2001.

2 ANÁLISE DO DISCURSO

Tendo origem na França da década de 1960 (SOARES *ET AL*, 2013), a Análise do Discurso (AD), como disciplina, teve como principais e fundadores dois nomes: Jean Dubois e Michel Pêcheux. Seu objeto de estudo é o discurso. Tal linha de estudo surgiu em meio a um contexto, no qual o estruturalismo estava em alta, preocupado em trabalhar textos sob a ótica linguística, ou seja, considerando apenas os elementos que compõem a estrutura tecidual dos textos, os signos linguísticos. Sua novidade consistia em tomar como fatores de análise de textos, além de sua materialidade enquanto conjunto de signos, o exterior ao texto.

Dessa forma, o produto textual e seu produtor interessam à Análise do Discurso. Um dos pontos que a diferencia do estruturalismo é justamente revelar o sujeito como importante na produção de sentidos. Como trata o texto sob diversas perspectivas, não se fechando em conhecimentos que dizem respeito somente ao campo científico linguístico, acaba por recorrer a outras ciências, tais como as sociais, filosóficas e históricas para fundamentar sua linha de pensamento. (...) explicar textos em sua materialidade discursiva, ou seja, em sua natureza constitutivamente pluridimensional (linguística, ideológica, subjetiva, histórica e social). Enfim, procurava ocupar-se com o contexto de produção das produções textuais, que é capaz de influenciar seu locutor e formato e conteúdo do que fala ou escreve.

O discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso. Desse modo temos a relação entre língua e ideologia afetando a constituição do sujeito e do sentido. Resta dizer que o sujeito e o sentido se constituem ao mesmo tempo. É pelo fato mesmo de dizer que o sujeito se diz, se constitui. (ORLANDI, 2006, p. 17).

A fim de perceber de que forma o enunciador é capaz de influenciar o modo de agir ou passar a pensar de certa maneira, os conceitos presentes na organização teórica formulada por Charaudeau servem para a avaliação do processo de conquista e mobilização do interlocutor ou

então do público a quem se destina o produto enunciativo. Os conceitos de sua formulação teórica são: *ethos*, *pathos* e *logos*.

O conceito de *ethos* diz respeito à construção da imagem do enunciador ou a qualquer outro que seja alvo do discurso proferido, ou seja, como alguém (o locutor ou alguém exterior a ele) vai ou passar a ser visto por quem o ouve ou lê sua produção escrita. A depender de sua intenção, seu retrato que pretende construir pode ser os mais variados possíveis: o competente, o vilão, o interessado em algum tema, o confiável, o crítico, o instigador etc.

Tal mecanismo é bastante utilizado no mundo político, tanto que especulações reflexivas de Charaudeau tomam esse direcionamento de revelar os artifícios de condução do pensamento e ação do público, no entanto qualquer personagem em uma interação dialógica pode recorrer a esse princípio discursivo. No que respeita essa unidade teórica, bem diz Silva (2013, p. 256):

Quanto menor o nível de correspondência entre a imagem de si construída pelo político e os imaginários sociais, menor a eficácia de *ethos*. Em outras palavras, para que a estratégia de *ethos* tenha eficácia, é necessário haver correspondência ou encontro entre a imagem que o político faz de si om o intuito de ganhar adesões e a imagem que a instância cidadã faz do político ideal.

Pode-se perceber que o objetivo de quem usa tal estratégia é o de promover a criação de uma carga de identidade entre os interlocutores de uma interação, ao passo que um dos interactantes procura uma maneira de se apresentar de algum modo ao outro. No caso político, como o fim é a conquista e convencimento dos eleitores, a representação a qual ele procura fazer de si mesmo é de um administrador competente e preocupado com os interesses do povo e de quem mais possa influenciar no número de votos. Em outros casos e em outros meios de propagação do discurso fora do universo político, o *ethos* pode ser usado para incitar com diferentes objetivos a sociedade.

Os sentimentos e emoções vivenciados pelo público ou pelo indivíduo destino do discurso também são aproveitados para que estes sejam persuadidos ou mobilizados a determinado intuito. É nesse momento que entra e cena o conceito de *pathos*. O foco passa da exclusividade do locutor para as experiências de vida do sujeito que lhe deixam marcas emotivas e podem interferir, em diferentes níveis, em suas escolhas e decisões. De acordo com Silva (2013, p. 258):

(...) Nesses termos, falar de estratégias de *pathos* é falar do uso que o político faz dos sentimentos, paixões e moções para seduzir os membros da instância cidadã a apoiarem suas pretensões e projetos políticos. O político lança mão das emoções, paixões e afetos para tentar seduzir, ameaçar, aterrorizar, enfim, atrair um interlocutor ou o público em geral.

Tal princípio é mais uma das formas de condução das ideias a que o(s) receptores do discurso podem ser atingidos, visto que as emoções são capazes de fortemente interferir no modo de agir de qualquer sujeito. Assim sendo, a busca por elementos comuns que aproximam os usuários do *pathos* e seus respectivos alvos servem para a ligação por meio de aproximação de identidades entre eles.

Por último, Charadeau trabalha o princípio denominado *logos* para referir-se ao modo como se manifestam os elementos argumentativos presentes em discursos. Para o autor, que mais uma vez toma o universo político, mas que podem ser aplicados e percebidos, de diversas formas e nos mais diferentes patamares, em outros instrumentos e sistemas de divulgação de textos e discursos. Segundo Silva (2013, p. 259): Por isso, ele complementa, o político que argumenta procura “propor um argumento simples, apoiando-se em crenças fortes supostamente partilhadas por todos e de reforçá-las apresentando argumentos destinados a produzir um efeito de provas.”

3 A ANÁLISE DO DISCURSO EM ATÉ QUANDO? DE GABRIEL O PENSADOR

Para a análise da canção *Até Quando* cantada por Gabriel, o Pensador recorre-se aos conceitos aristotélicos que foram retomados por Dominique Maingueneau de *Ethos*, como a representação, a imagem criada ou que se pretende construir por parte de quem enuncia algo e dependente do objetivo a que se pretende alcançar; o de *Pathos*, como utilização do sentimentalismo ou de situações, compartilhadas ou não pelo interlocutor, que são capazes de o comoverem e fazê-lo aderir ao que o locutor e usuário de tal mecanismo discursivo está propondo em sua enunciação; e o conceito de *Logos* como a utilização dos argumentos que servem para convencer os ouvintes, leitores e validar suas intenções.

Além disso, os termos de Maingueneau: *Cena Englobante*, como o local ou tipo do enunciado tomado para estudo, exemplificando: uma pregação tem uma cena enunciativa religiosa, um romance tem a cena englobante literária etc; *Cena Genérica* como o conjunto de similaridades e características comuns que fazem partes das produções discursivas a depender do gênero discursivo escolhido; e *Cenografia* como o ambiente criado no contexto do texto, os personagens criados pela narrativa, no caso, a canção interpretada por Gabriel, são também aproveitados.

“Não adianta olhar pro céu com muita fé e pouca luta/ Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer e muita greve, você pode, você deve, pode crer/ Não adianta olhar pro chão, virar a cara pra não ver/ Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer!”

Na análise da estrofe acima o enunciador se coloca numa cena enunciativa, em que a cena englobante é o discurso artístico musical e a cena genérica é o rap. A cenografia apresenta uma

incitação e motivação que parte do eu musical a algum destinatário que esteja numa situação em que a greve ou o pouco espírito de criticidade esteja presente o marque. Expressa-se nessa iniciação como o brasileiro (a maioria) é completamente alienado em relação ao que acontece no mundo, ao seu redor. Um contexto religioso é usado como forma de fortalecer o receptor colocando um contraponto ao sofrimento enfrentado por Jesus. Nesse caso, o termo dialógico de Bakhtin foi usado como forma de estabelecer um paralelo entre o sofrimento por que passou Jesus e uma opção de a os afligidos sociais não passarem submissos por ele.

O *ethos* apresenta-se como uma figura incitadora e disposta a mobilizar o sujeito que tem o poder de promover manifestações a fazê-lo. Ao afirmar que não adianta negligenciar-se dos problemas sociais (virar a cara pra não ver), acaba por sugerir que o sentimento de pacifismo, que termina por manter a situação tal qual como está, deve ser substituído por uma postura ativa de busca de conquistas. O *Logos* está expresso na confirmação do poder conferido ao público alvo.

O destinador diz também, que há a possibilidade de mudar uma postura submissa aos abusos dos mais "poderosos", não se deve ficar calado, sofrendo, "usando rédea". No último parágrafo "Muda que o medo é um modo de fazer censura" expressa a ideia em que hoje em dia muitos tem medo de questionar aquilo que é dito pelos "superiores", praticamente concordando em ser alienados. Até quando vamos ser "bonequinhos controlados"?

“Você tenta ser feliz, não vê que é deprimente/ Seu filho sem escola, seu velho tá sem dente/ Cê tenta ser contente e não vê que é revoltante/ Você tá sem emprego e a sua filha tá gestante/ Você se faz de surdo, não vê que é absurdo/ Você que é inocente foi preso em flagrante!”

Esta parte da música passa a ideia de uma parcela da população brasileira, em que mesmo estando diante de muitas dificuldades ainda tentam ser felizes, mesmo que seja deprimente. Muitas destas pessoas ficam tão dependentes de medidas paliativas que acham que está tudo "normal", não percebem que estão presos a um futuro planejado e controlado por outros sem terem a liberdade de escolha. O *ethos* permanece encorajador assim como expresso na primeira parte. O *pathos* se manifesta em situações vividas por muitas famílias e servem para incorformá-las por serem realidades não desejáveis.

“A polícia matou o estudante/ Falou que era bandido/ Chamou de traficante/ A justiça prendeu o pé-rapado/ Soltou o deputado/ E absolveu os PMs de vigário!”

Esta parte está bem direta, dizendo que os que deveriam proteger os "inocentes" (o povo) estão na verdade oprimindo os mesmos, um motivo popular para isso é preconceito social. E protegendo os corruptos!! O *ethos* e o *pathos* permanecem com suas posições, e os artifícios

argumentativos do *logos* envolvem casos em que estudantes são oprimidos como meliante, enquanto que os abastados são beneficiados por suas posições sociais.

"A polícia só existe pra manter você na lei, lei do silêncio, lei do mais fraco: ou aceita ser um saco de pancada ou vai pro saco/ A programação existe pra manter você na frente, na frente da TV, que é pra te entreter, que é pra você não ver que o programado é você/ Acordo, não tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar/ O cara me pede o diploma, não tenho diploma, não pude estudar/ E querem que eu seja educado, que eu ande arrumado, que eu saiba falar/ Aquilo que o mundo me pede não é o que o mundo me dá/ Consigo um emprego, começa o emprego, me mato de tanto ralar/ Acordo bem cedo, não tenho sossego nem tempo pra raciocinar/ Não peço arrego, mas onde que eu chego se eu fico no mesmo lugar/ Brinquedo que o filho me pede, não tenho dinheiro pra dar/ Escola, esmola!

Favela, cadeia!/ Sem terra, enterra!/ Sem renda, se renda!/ Não!/ Não!!!"

Aqui passa a mesma ideia inicial, de controle, programação e alienação. A polícia (nem toda) ao invés de inspirar segurança nas pessoas ela causa sentimento de medo. Principalmente se você não se parece com uma pessoa de "posses". Expressa também a ideia de que o mundo cobra coisas que não oferece, como a educação, mostra que mesmo trabalhando exaustivamente muitos continuam no mesmo lugar. Como conseguiremos algo no futuro se falta no passado (educação). O sofrimento paterno de não poder presentear o filho com algo simples, a falta de educação adequada ou de oportunidades entre outras argumentações, são capazes de expressar a presença do *ethos* acusador e incentivador de cobranças de melhores oportunidades, de dar mais força ao *pathos* e ao *logos* através da associação entre escola-esmola, favela-cadeia etc.

"Até quando você vai ficar usando rédea?/ Rindo da própria tragédia?/ Até quando você vai ficar usando rédea?/ Pobre, rico ou classe média?/ Até quando você vai levar cascudo mudo?/ Muda, muda essa postura/ Até quando você vai ficando mudo?/ Muda que o medo é um modo de fazer censura"

Nesta última parte, o *Ethos* tentar "revelar" a verdade implícita que afeta a vida dos membros das classes menos abastadas, o *Pathos* afirma de uma manutenção de um sistema de opressão permitido por um estado de "estar mudo" como forma de reverter esses estados do indivíduo social e o *Logos* alega que o "medo é um modo de fazer censura" para sustentar sua intenção de ver o público alvo se manifestar em prol de melhorias ou atenção a alguns pontos que não estão sendo contemplados pelo poder administrativo.

REFERÊNCIAS

CARETTA, Álvaro Antônio. **A canção popular: uma análise discursiva.** In: GIL, Beatriz Daruj (org.). Modelos de análise linguística. São Paulo: Contexto, 2009.

MUSSALIM, Fernanda. **Linguística 1**. Curitiba: IESDE Brasil., 2009.

MUSSALIM, Fernanda.; BENTES, Ana Christina (orgs). Introdução à Linguística. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, José Otacílio. *Charaudeau*. In. **Estudos do Discurso**: perspectivas teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.